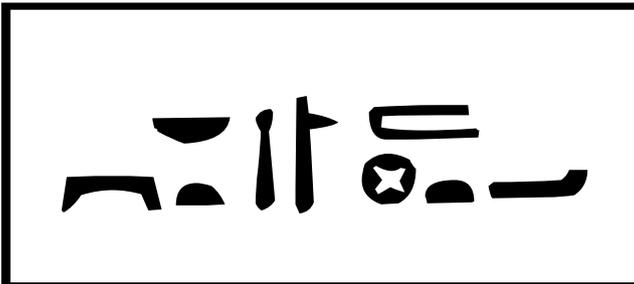
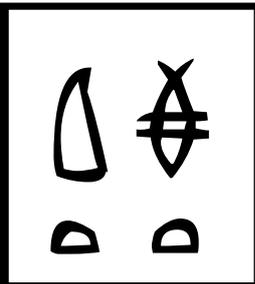
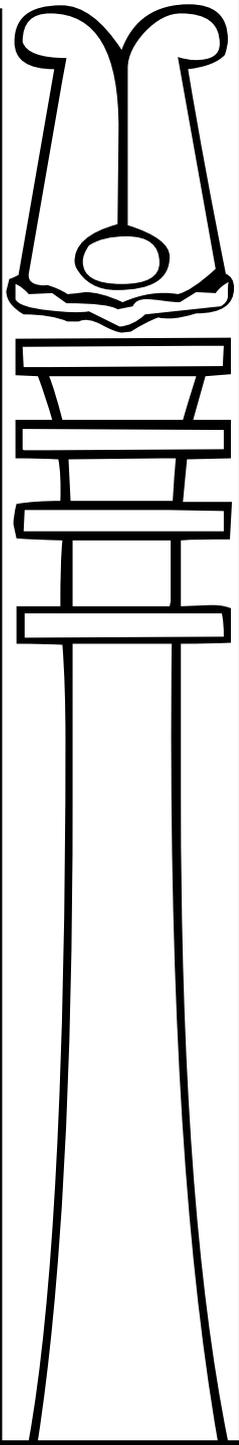
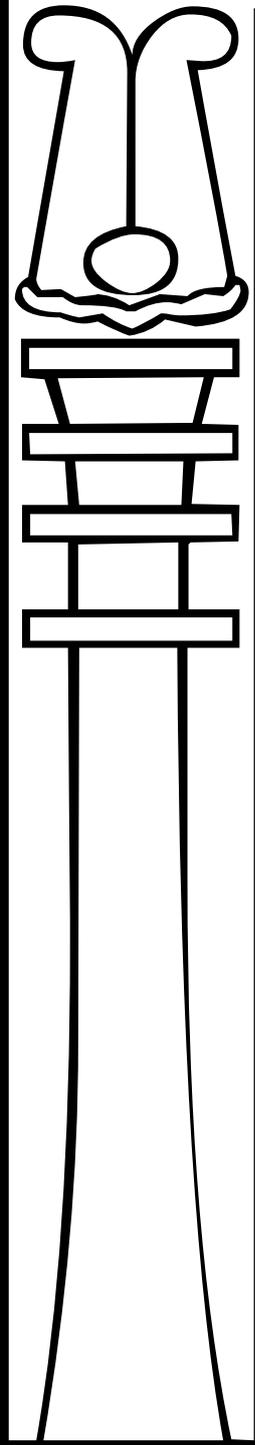


LIBER
ASTARTÉ
VEL
BERYLLI

SVB
FIGVRÂ
CLXXV



LIBER ASTARTÉ VEL BERYLLI

SUB FIGURÂ
CLXXV

Título original: *Liber Astarté vel Berylli*

Tradução: Alan Michel Willms Quinot

1ª edição: 25 de maio de 2018

2ª edição: 5 de fevereiro de 2019

Hadnu

<https://www.hadnu.org>



Publicação da A.:A.:
em Classe B.

Imprimatur:
N. Fra A.:A.:

Liber Astarté vel Berylli

0. Este é o Livro da União de Si com uma Deidade em particular através da devoção.

1. *Considerações antes do Limiar.* Primeiro, no que diz respeito à escolha de uma Deidade em particular. Esta questão não tem importância, desde que tu escolhas uma adequada à tua própria natureza mais elevada. Contudo, este método não é tão adequado para deuses austeros como Saturno, ou intelectuais como Thoth. Mas é um modo perfeito para aquelas deidades que partilham de qualquer forma do amor.

2. *Sobre o método principal desta Arte Mágicka.* Que o devoto considere bem que embora Cristo e Osíris sejam um, ainda assim o primeiro deve ser adorado com ritos cristãos, e o segundo com ritos egípcios. E isso embora os próprios ritos sejam cerimonialmente equivalentes. No entanto, deve haver *um* símbolo que declare a transcendência de tais limitações; e também com relação à Deidade deve haver alguma afirmação *única* de sua identidade tanto com todos os outros deuses similares de outras nações, quanto com o Supremo de quem todos são apenas reflexos parciais.

3. *Sobre o lugar principal de devoção.* Este é o Coração do devoto, e deve ser representado simbolicamente pelo cômodo ou local que ele mais adora. E o lugar mais querido ali será o relicário de seu templo. Seria muito conveniente se este relicário e altar fossem isolados em uma floresta, ou em um bosque privado, ou jardim. Mas que ele seja protegido do profano.

4. *Sobre a Imagem da Deidade.* Que haja uma imagem da Deidade; primeiro porque por meio dela é induzida contínua lembrança na meditação; e segundo porque um certo poder entra e habita nela em virtude das cerimônias; ou assim é dito, e Nós não negamos. Que essa imagem seja a mais bela e perfeita que o devoto consiga encontrar; ou se ele for capaz de pintar ou esculpir a mesma, é muito melhor. Quanto às Deidades com cuja natureza nenhuma Imagem é compatível, que elas sejam adoradas em um relicário vazio. Tais são Brama e Alá. Também algumas concepções pós-cati-veiro de Jeová.

5. *Ademais no que diz respeito ao relicário.* Que este relicário seja decorado adequadamente quanto aos seus ornamentos, de acordo com o livro 777. Com hera e pinhas, isto é, para Baco, e que coloque diante dele uvas e vinho. Assim também que para Ceres haja milho, e bolos; ou para Diana lunárias e escorodónias e água pura. Além disso, é bom apoiar o relicário com talismãs dos planetas, signos e elementos adequados. Mas estes devem ser feitos de acordo com o correto Ingenium do Philosophus à luz do Livro 777 durante o curso de sua Devoção. No entanto, também é bom se for feito de antemão um círculo mágico com os sinais e nomes certos.

6. *Sobre as Cerimônias.* Que o Philosophus prepare uma Invocação poderosa da Deidade específica de acordo com o seu Ingenium. Mas que ela consista dessas várias partes:

Primeira, uma Imprecação, como de um escravo para seu Senhor.

Segunda, um Juramento, como de um vassalo para seu Suserano.

Terceira, um Memorial, como de uma criança a seu Pai.

Quarta, uma Oração, como de um sacerdote para seu Deus.

Quinta, um Colóquio, como de um Irmão com seu Irmão.

Sexta, uma Conjuração, como a um Amigo com seu Amigo.

Sétima, um Madrigal, como de um Amante para sua Amada.

E note bem que a primeira deve ser de reverência, a segunda de fidelidade, a terceira de dependência, a quarta de adoração, a quinta de confidência, a sexta de camaradagem, a sétima de paixão.

7. *Ademais no que diz respeito às cerimônias.* Então que essa Invocação seja a parte principal de uma cerimônia ordenada. E nesta cerimônia, que o Philosophus não negligencie de modo algum o serviço de um servo. Que ele varra e enfeite o lugar, borrifando-o com água ou com vinho conforme for apropriado à Deidade específica, e consagrando-o com óleo, e com o ritual que lhe pareça melhor. E que tudo seja feito com intensidade e minuciosamente.

8. *Sobre o período de devoção, e suas horas.* Que um período fixo seja estabelecido para a adoração; e é dito que o menor tempo é de nove dias por sete, e o maior de sete anos por nove. E em relação às horas, que a Cerimônia seja realizada todos os dias três vezes, ou pelo menos uma vez, e que o sono do Philosophus seja rompido para algum propósito de devoção pelo menos uma vez a cada noite.

Agora, para alguns pode parecer melhor designar horários fixos para a cerimônia, para outros, pode parecer que a cerimônia deve ser realizada à medida que o espírito os move a fazê-la: não há nenhuma regra para isso.

9. *No que diz respeito aos Robes e aos Instrumentos.* A Varinha e a Taça devem ser escolhidas para esta Arte; nunca a Espada ou Adaga, nunca o Pantáculo, a menos que por acaso tal Pantáculo seja de uma natureza harmoniosa. Mas mesmo assim é melhor manter a Varinha e a Taça; e se for preciso escolher um, a Taça.

Quanto aos Robes, o de um Philosophus, ou o de um Adepto Interno são os mais apropriados; ou o robe mais adequado ao serviço à Deidade específica, como uma

bassara para Baco, um robe branco para Vesta. Da mesma forma, para Vesta pode-se usar o Lampião como instrumento; ou a foice para Cronos.

10. *Sobre o Incenso e as Libações.* O incenso deve seguir a natureza da Deidade específica; como mastique para Mercúrio, frascinela para Perséfone. Também as libações, como uma decocção de solanaceae para Melancholia, ou de cânhamo indiano para Urano.

11. *Sobre a harmonia das cerimônias.* Que todas essas coisas sejam devidamente e extensivamente consideradas em linguagem de extrema beleza ao comando do Philosophus, acompanhadas, se ele tiver habilidade, por música, e entrelaçadas, se a Deidade particular for jocunda, com danças. E tudo estando cuidadosamente preparado e ensaiado, que isso seja praticado diariamente até que seja completamente rítmico com sua aspiração e, por assim dizer, uma parte de seu ser.

12. *Sobre a variedade das cerimônias.* Agora, visto que cada homem difere essencialmente de todos os outros homens, embora seja idêntico em essência, que essas cerimônias também afirmem sua identidade pela diversidade. Por esta razão, Nós deixamos muito aqui para o correto Ingenium do Philosophus.

13. *Sobre a vida do devoto.* Primeiro, que seu modo de vida seja agradável à Deidade particular. Assim, para invocar Netuno, que ele vá pescar; mas se for Hades, que ele não se aproxime da água, que é detestável para Ele.

14. *Ademais sobre a vida do devoto.* Que ele corte de sua vida qualquer ato, palavra ou pensamento, que seja detestável à Deidade particular; como por exemplo a falta de castidade no caso de Ártemis e evasivas no caso de Ares. Além disso, ele deve evitar toda dureza ou crueldade de qualquer tipo em pensamento, palavra ou ação, visto que acima da Divindade particular há Uma em quem tudo é Um. No entanto, ele pode deliberadamente praticar crueldades onde a Divindade particular manifesta o Amor Dela dessa maneira, como no caso de Kālī e de Pã. E, portanto, antes do início de seu período de devoção, que ele pratique de acordo com as regras de Liber Jugorum.

15. *Ademais sobre a vida do devoto.* Agora, como muitos estão completamente ocupados com seus afazeres, saibam que este método é adaptável às necessidades de todos.

E Nós testemunhamos que o que segue é o Ponto Crucial e a Quintessência do Método inteiro.

Primeiro, se ele não tiver nenhuma Imagem, que ele pegue qualquer coisa e consagre-a como uma Imagem de seu Deus. Da mesma forma com suas vestes e instrumentos, suas defumações e libações: para seu Robe não tem ele um pijama; para seu instrumento uma bengala; para sua defumação um palito de fósforo; para a libação um copo de água?

Mas que ele consagre cada coisa que ele usa ao serviço da Deidade particular, e não profane a mesma para qualquer outro uso.

16. *Continuação.* Prosseguindo, quanto ao seu tempo, se for curto. Que ele trabalhe mentalmente em sua Invocação, concentrando-a, e que ele realize essa Invocação em seu coração sempre que tiver oportunidade. E que ele aproveite ansiosamente todas as oportunidades para isso.

17. *Continuação.* Em terceiro lugar, mesmo que ele tenha oportunidade e preparação, que ele procure sempre trazer para dentro os símbolos, de modo que, mesmo em seu relicário bem ordenado, toda a cerimônia gire dentro de seu coração, isto é, no templo de seu corpo, do qual o templo exterior é apenas uma imagem.

Pois no cérebro está o relicário, e não há Imagem nele; e a respiração do homem é o incenso e a libação.

18. *Continuação.* Ademais, sobre a ocupação. Que o devoto transmute dentro do alambique de seu coração todo pensamento, ou palavra, ou ato, no ouro espiritual de sua devoção.

Desse jeito: ao comer. Que ele diga: “Eu como este alimento em gratidão à minha Deidade que o enviou para mim, para ganhar força para minha devoção a Ela”.

Ou: ao dormir. Que ele diga: “Deito para dormir, dando graças por esta bênção da minha Divindade, para que eu possa me revigorar para uma nova devoção a Ela”.

Ou: ao ler. Que ele diga: “Eu leio este livro para que eu possa estudar a natureza da minha Deidade, que o conhecimento adicional sobre Ela possa me inspirar com uma devoção mais profunda a Ela”.

Ou: ao trabalhar. Que ele diga: “Eu dirijo a minha pá à terra para que flores frescas (frutas, ou o que for) possam surgir para Sua glória, e para que eu, purificado pelo trabalho, possa prestar uma melhor devoção a Ela”.

Ou: seja lá o que ele estiver fazendo, que ele cogite em sua própria mente, atraindo circunstâncias e circunstâncias para aquele único fim e conclusão do assunto. E que ele não realize o ato até que ele tenha feito isso.

Como está escrito: Liber VII, cap. v. –

22. “Cada respiração, cada palavra, cada pensamento é um ato de amor contigo.

23. “A batida de meu coração é o pêndulo de amor.

24. “As canções de mim são os suaves suspiros:

25. “Os pensamentos de mim são o próprio êxtase:

26. “E minhas ações são as miríades de Tuas Crianças, as estrelas e os átomos.”

E Lembra-te Bem, que se tu fores um verdadeiro amante, tu farás tudo isso da tua própria natureza sem a menor falha ou fracasso no menor detalhe disso.

19. *Sobre as Lições.* Que o Philosophus só leia suas cópias dos livros sagrados de Thelema durante todo o período de sua devoção. Mas se ele estiver cansado, então que ele leia livros que não tenham parte no amor, como se para recreação.

Mas que ele copie cada verso de Thelema que trata desse assunto, e pondere sobre eles, e comente sobre eles. Pois ali há uma sabedoria e uma magia profunda demais para proferir de qualquer outra forma.

20. *Sobre as Meditações.* Nisto está o método mais poderoso de alcançar o Fim, para aquele que está completamente preparado, sendo purificado pela prática da Transmutação dos atos em devoção, e consagrado pelo correto desempenho das cerimônias santas. No entanto, há perigo nisto, pois a Mente é fluida como mercúrio, e está próxima do Abismo, e é assediada por muitas sereias e demônios que a seduzem e a atacam para destruí-la. Portanto, que o devoto tome cuidado, e precise com acureza suas meditações, assim como quando um homem constrói um canal de mar a mar.

21. *Continuação.* Então que o Philosophus medite sobre todo amor que já lhe moveu. Há o amor de Davi e de Jônatas, e o amor de Abraão e de Isaque, e o amor de Lear e de Cordélia, e o amor de Damão e de Pítias, e o amor de Safo e de Átis, e o amor de Romeu e Julieta, e o amor de Dante e Beatriz, e o amor de Paolo e Francesca, e o amor de César e Lucrecia Bórgia, e o amor de Aucassin e Nicolette, e o amor de Dáfnis e Cloé, e o amor de Cornélia e Caio Graco, e o amor de Baco e Ariadne, e o amor de Cupido e Psique, e o amor de Endimião e Ártemis, e o amor de Deméter e Perséfone, e o amor de Vênus e Adônis, e o amor de Lakṣmī e Viṣṇu, e o amor de Śiva e Bhavānī, e o amor de Buda e Ānanda, e o amor de Jesus e João, e muitos outros.

Também há o amor de muitos santos para com suas deidades em particular, como o de São Francisco de Assis por Cristo, de Śrī Sabhāpati Svāmī por Māheśvara, de Abdullah Haji Shirazi por Alá, de Santo Inácio de Loyola por Maria, e muitos outros.

Agora pega uma dessas histórias todas as noites, e a encena em tua mente, agarrando cada identidade com cuidado e entusiasmo infinitos, e imagina a ti próprio como um dos amantes e a tua Divindade como o outro. Assim passa por todas as aventuras de amor, sem omitir uma; e a cada uma conclui: Quão pálido é este reflexo de meu amor por esta Deidade!

Contudo de cada uma tu obterás algum conhecimento do amor, alguma intimidade com o amor, que te ajudarás a aperfeiçoar o teu amor. Assim, aprenda a humildade do amor de um, sua obediência do outro, sua intensidade de um terceiro, sua pureza de um quarto, sua paz de um quinto.

Então tendo assim tornado teu amor perfeito, ele será digno daquele amor perfeito Dela.

22. *Ademais sobre meditação.* Além disso, que o Philosophus imagine para si que ele realmente teve sucesso em sua devoção, e que seu Senhor apareceu a ele, e que eles conversam conforme é adequado.

23. *Sobre o Triângulo Misterioso.* Então agora, assim como três cordas separadas podem ser arreventadas por uma criança, enquanto as mesmas cordas devidamente torcidas podem amarrar um gigante, que o Philosophus aprenda a enredar esses três métodos de Magia em um Feitiço.

Para este fim, que ele compreenda que assim como eles são Um, porque o fim é um, também são Um porque o método é Um, até mesmo o método de voltar a mente em direção à Deidade particular por amor em cada ato.

E para que tua corda não fique escorregadia, aqui está um pequeno cordão que a envolve toda firmemente, o Mantra ou Oração Contínua.

24. *Sobre o Mantra ou Oração Contínua.* Que o Philosophus teça o Nome da Deidade Particular em uma sentença curta e rítmica, como por exemplo, para Ártemis: *ἐπελθον, επελθον, Ἄρτεμις;* ou, para Síva: *Namo Śivāya Namaḥ Om;* ou, para Maria: *Ave Maria;* ou para Pã, *χαίρε Σωτηρ κοσμου, Ἰω Παν, Ἰω Παν;* ou, para Alá: *Hua Allahu alazi lailaha illa Hua.*

Que ele repita isso dia e noite mecanicamente sem cessar em seu cérebro, que é assim preparado para o advento daquele Senhor, e armado contra todos os outros.

25. *Sobre o Ativo e o Passivo.* Que o Philosophus mude do amor ativo de sua Deidade particular para um estado de espera passiva, até mesmo quase uma repulsa, a repulsa não de desgosto, mas de modéstia sublime.

Como está escrito, Liber LXV. ii.

59. “Chamei a Ti, e viajei para Ti, e isso de nada me serviu.

60. “Esperei pacientemente, e Tu estavas comigo desde o início.”

Então que ele mude de volta ao Ativo, até que um verdadeiro ritmo seja estabelecido entre os estados, como se fosse o balanço de um Pêndulo. Mas que ele reflita que uma vasta inteligência é necessária para isso; pois ele deve estar como se fosse do lado de fora de si mesmo para observar aquelas fases de si mesmo. E fazer isso é uma Arte alta, e não pertence de modo algum ao grau de Philosophus. Nem é útil, mas sim o contrário, nesta prática em especial.

26. *Sobre o Silêncio.* Agora pode chegar um tempo no decorrer desta prática em que os símbolos exteriores de devoção cessam, em que a alma está como se fosse

muda na presença de seu Deus. Lembra-te de que isso não é uma cessação, mas sim uma transmutação da semente estéril da oração no broto verde do anseio. Este anseio é espontâneo, e deve ser deixado para crescer, quer seja doce ou amargo. Pois frequentemente é como o tormento do inferno em que a alma queima e se contorce incessantemente. No entanto, ele termina, e em seu fim continua abertamente o teu Método.

27. *Sobre a Secura.* Outro estado em que às vezes a alma pode cair é esta noite escura. E isso é de fato uma purificação em tal profundidade que a alma não pode compreendê-la. É menos como dor do que como a morte. Mas é a morte necessária que vem antes do ressurgimento de um corpo glorificado.

Este estado deve ser suportado com fortitude; e nenhum meio de aliviá-lo pode ser empregado. Ele pode ser quebrado pela ruptura de todo o Método, e um retorno ao mundo exterior. Esta covardia não só destrói o valor de tudo o que já foi antes, como também destrói o valor do Juramento de Fidelidade que tu prestaste, e faz da tua Vontade uma zombaria para homens e deuses.

28. *Sobre as Artimanhas do Diabo.* Nota que nesse estado de *secura* mil seduções te atrairão; também mil meios para quebrar teu juramento em espírito sem quebrá-lo na letra. Contra isso, tu podes repetir as palavras do teu juramento de novo e de novo até que a tentação seja superada.

Além disso, o diabo irá te mostrar que seria muito melhor para esta operação que tu fizesses assim e assado, e procurará te assustar com os medos pela tua saúde ou pela tua razão.

Ou ele pode enviar contra ti visões piores do que a loucura.

Contra tudo isso há apenas um remédio, a Disciplina do teu Juramento. Assim então tu passarás por cerimônias sem sentido e horríveis para ti, e blasfemarás contra a tua Deidade e A amaldiçoará. E isso importa pouco, pois não é tu, assim será se tu aderires à Letra da tua Obrigação. Pois a tua Visão Espiritual está fechada, e confiar nela é ser levado ao precipício, e ser atirado dali.

29. *Mais desse assunto.* Agora também mais sutis do que todos esses terrores são as Ilusões de Sucesso. Apenas um instante de autossatisfação ou Expansão do teu Espírito, especialmente neste estado de *secura*, e tu estarás perdido. Pois tu podes alcançar a Falsa União com o próprio Demônio. Cuidado também com o orgulho que surge de ter resistido às tentações.

Mas tantas e tão sutis são as ciladas de Choronzon que o mundo inteiro não poderia conter seu número.

A resposta a todas elas é a persistência no cumprimento literal da rotina. Cuidado, portanto, por fim, com aquele demônio que sussurrará em teu ouvido que a letra

mata, mas o espírito dá vida, e responde: A menos que o grão de trigo caia na terra, e morra, ele fica só; mas se morrer, dá muito fruto.

Contudo, também te precatas da disputa com o demônio, e do orgulho na astúcia das tuas respostas a ele. Portanto, se tu não perdeste o poder do silêncio, que ele seja o primeiro e último empregado contra ele.

30. *Sobre a Inflamação do Coração.* Agora, saiba que todos os teus métodos são secos. Exercícios intelectuais, exercícios morais, eles não são Amor. No entanto, assim como um homem esfregando duas varas secas juntas por muito tempo, de repente encontrou uma fagulha, assim também de vez em quando o verdadeiro amor saltará sem ser solicitado em tua mediação. No entanto, isso deve morrer e renascer de novo e de novo. Pode ser que tu não tenhas combustível por perto.

No final de repente virá uma grande e devoradora chama, e te queimará completamente.

Agora dessas fagulhas, e dessas crepitações de chama, e desses princípios do Fogo Infinito, tu assim estarás ciente. Para as fagulhas teu coração se alegrará, e a tua cerimônia ou meditação ou labuta parecerá repentinamente seguir por vontade própria; e para as pequenas chamas isso aumentará em volume e intensidade; e para os princípios do Fogo Infinito a tua cerimônia será capturada em um cântico arrebatador, e a tua meditação será êxtase, e a tua labuta será um deleite que excede todo prazer que tu já conheceste.

E da grande chama que te responde, não pode ser falado; pois ali está o fim desta Arte Mágicka de Devoção.

31. *Considerações Sobre o Uso de Símbolos.* Deve-se notar que pessoas de imaginação, vontade e inteligência poderosas não precisam desses símbolos materiais. Houve certos santos que foram capazes de amar uma ideia como tal, sem que ela fosse doutra forma degradada por *idolatrá-la*, usando essa palavra em seu verdadeiro sentido. Assim, alguém pode se apaixonar pela beleza, sem a necessidade de uma concretização tão pequena como “a beleza de Apolo”, “a beleza das rosas”, “a beleza de Átis”. Tais pessoas são raras; pode-se duvidar se o próprio Platão alcançou qualquer visão de beleza absoluta sem anexar a ela objetos materiais em primeiro lugar. Uma segunda classe é capaz de contemplar ideais através deste véu; uma terceira classe precisa de um véu duplo, e não consegue pensar na beleza de uma rosa sem uma rosa diante deles. Para tais pessoas este método é de maior uso; no entanto que eles saibam que existe esse perigo ali, de que eles podem confundir o corpo grosseiro do símbolo com a ideia concretizada por meio dele.

32. *Considerações de perigos adicionais para aqueles que não foram purgados do pensamento material.* Que seja lembrado que na própria natureza do amor há perigo. A luxúria do sátiro pela ninfa é na verdade da mesma natureza que a afinidade do limo

pela água por um lado, e do amor de Ab por Ama por outro; assim também é a tríade Osíris, Ísis, Hórus como a de um cavalo, égua, potro; e de vermelho, azul, púrpura. E esta é a fundação das Correspondências.

Mas seria falso dizer “Hórus é um potro” ou “Hórus é púrpura”. Pode-se dizer: “Hórus se parece com um potro neste respeito, de que ele é descendente de dois seres complementares”.

33. *Mais desse assunto.* Assim também muitos disseram verdadeiramente que tudo é um, e falsamente que, uma vez que a terra é Aquele Um, e o oceano é Aquele Um, portanto a terra é oceano. Para Ele o bem é ilusão, e o mal é ilusão; portanto, o bem é mal. Muitos homens são destruídos por essa falácia de lógica.

Além disso, há aqueles que tomam a imagem pelo Deus; como se fossem dizer, meu coração está em Tiphereth, e um Adeptus está em Tiphereth; portanto eu sou um adepto.

E nesta prática o pior perigo é esse, de que o amor que é sua arma falhe de duas maneiras.

Primeira, se neste amor faltar qualquer qualidade de amor, então não é o amor ideal. Pois está escrito sobre o Perfeito: “Não há membro de meu corpo que não seja membro de algum deus”. Portanto, que o Philosophus não despreze qualquer forma de amor, mas harmonize todas. Como está escrito: Liber LXI, 32. “Portanto a Perfeição não habita nos Pináculos ou na Fundação, mas na harmonia de Um com tudo”.

Segunda, se qualquer parte desse amor excede, há doença nele. Assim como no amor de Otelo por Desdêmona o ciúme do amor superou a ternura do amor, também pode ocorrer nesse amor de uma Deidade particular. E isso é mais provável, pois neste amor divino nenhum elemento pode ser omitido.

É em virtude dessa completude que nenhum amor humano pode de modo algum alcançar mais do que prenciar uma pequena parte dele.

34. *Sobre Mortificações.* Estas não são necessárias neste método. Pelo contrário, elas podem destruir a concentração, como contra irritantes e alívios da suprema mortificação que é a Ausência da Divindade invocada.

No entanto, assim como no amor mortal surge um desagrado pela comida, ou um prazer em coisas naturalmente dolorosas, essa perversão deve ser suportada e permitir-se seguir seu curso. No entanto, não a interferência com a saúde natural corporal, pela qual o instrumento da alma pode ser prejudicado.

E a respeito dos sacrifícios por amor, eles são naturais para este Método, e corretos.

Mas no que diz respeito a privações e torturas voluntárias, elas não têm uso salvo contra o devoto, geralmente elas não são naturais para naturezas saudáveis, e são errôneas. Pois elas são egoístas. Flagelar-se não serve de nada ao mestre; no entanto negar pão a si mesmo para que o filho possa ter bolo é o ato de uma verdadeira mãe.

35. *Mais sobre Mortificações.* Se o teu corpo, o qual tu conduzes, for uma besta tão desobediente que de modo algum ele viajará na direção desejada, ou se a tua mente for violenta e eloquente como o Burro lendário de Balaão, então que a prática seja abandonada. Que o relicário seja coberto por panos de saco, e vista hábitos de lamentação e permanença sozinho. E retorne mais austeramente à prática de Liber Jugorum, testando a ti mesmo por um padrão maior do que o realizado até então, e punindo as efrações com um agulhão mais pesado. Tampouco volta à tua devoção até que esse corpo e mente estejam domesticados e treinados para todo tipo de andamento sossegado.

36. *Sobre métodos menores adjuvantes nas cerimônias. I. Ascensão nos planos.* Por este método, tu podes auxiliar a imaginação no momento da conclusão da tua Invocação. Aja como ensinado em Liber O, à luz de Liber 777.

37. *Sobre métodos menores adjuvantes nas cerimônias. II. Magia Talismânica.* Tendo feito por teu engenho um talismã ou um pantáculo para representar a Deidade particular, e o consagrado com infinito amor e cuidado, queima-o cerimonialmente diante do relicário, como se através disso desistisse da sombra pela substância. Mas é inútil fazer isso a menos que tu realmente em teu coração dêes mais valor ao talismã do que tudo que tu tens.

38. *Sobre métodos menores adjuvantes nas cerimônias. III. Encenação.* Pode ajudar se a história tradicional da Deidade particular for encenada diante Dela; talvez isso seja melhor feito de forma dramática. Este é o método principal recomendado nos “Exercícios Espirituais” de Santo Inácio, cujo trabalho pode ser tomado como modelo. Que o Philosophus exercite a lenda de sua Deidade particular, e alocando dias para eventos, viva aquela vida em imaginação, exercitando os cinco sentidos um de cada vez, conforme a ocasião surge.

39. *Sobre assuntos menores adjuvantes nas cerimônias. IV. Constrição.* Este método consiste em amaldiçoar uma divindade recalcitrante; como ameaçar cerimonialmente “queimar o sangue de Osíris, e moer seus ossos a pó”. Este método é completamente contrário ao espírito de amor a menos que a própria Divindade particular seja selvagem e implacável; como Jeová ou Kali. Nesse caso, o desejo de realizar constrições e maldições pode ser o sinal da assimilação do espírito do devoto com o de seu Deus e, portanto, um avanço para a União com Ele.

40. *Sobre o valor desta forma particular de União ou Samādhi.* Todo Samādhi é definido como a união extática de um sujeito e objeto na consciência, com o resultado

de que uma terceira coisa surge que não partilha de modo algum da natureza dos dois.

Pareceria, à primeira vista, que não tem importância o que escolher como um objeto de meditação. Por exemplo, o Samādhi chamado Atmadarśana pode surgir da simples concentração do pensamento em um triângulo imaginado, ou no coração.

Mas, como a união de dois corpos na química pode ser endotérmica ou exotérmica, a combinação de oxigênio com nitrogênio é gentil, enquanto a do oxigênio com hidrogênio é explosiva; e como se descobriu que a maior parte do calor é liberada como regra pela união de corpos com características opostas, e que o composto resultante de tais é mais estável, então parece razoável sugerir que o resultado mais importante e duradouro de Samādhi é a contemplação do Objeto mais oposto ao devoto. [Em outros planos, sugeriu-se que os tipos mais opostos fazem os melhores casamentos e produzem as crianças mais saudáveis. Os melhores filmes e óperas são aquelas em que os extremos violentos são misturados e, de modo geral, em todos os campos de atividade. Até mesmo na matemática, o maior paralelogramo é formado se as linhas que o compõem estão definidas em ângulos retos. ED.]

41. *Conclusões do supracitado.* Então pode-se sugerir ao Philosophus, que, embora seu trabalho seja mais difícil, sua recompensa será maior se ele escolher a Deidade mais distante de sua própria natureza. Este método é mais difícil e mais elevado que aquele de Liber E. Pois um objeto simples, como sugerido, é da mesma natureza que as coisas mais comuns da vida, enquanto que mesmo a Divindade mais mediana está além do entendimento humano do não iniciado. No mesmo plano, também, Vênus está mais próxima do homem do que Afrodite, Afrodite está mais próxima do que Ísis, Ísis está mais próxima do que Babalon, Babalon está mais próxima do que Nuit.

Que ele decida, portanto, de acordo com sua descrição, por um lado, e sua aspiração, por outro; e que nenhuma ultrapasse sua próxima.

42. *Mais sobre o valor deste Método.* Certas objeções surgem. Primeiramente, na natureza de todo amor humano há ilusão, e uma certa cegueira. Nem há qualquer amor verdadeiro abaixo do Véu do Abismo. Por este motivo, Nós damos esse método ao Philosophus, como o reflexo do Adepto Isento, que reflete o Magister Templi e o Magus. Então que o Philosophus realize este Método como um fundamento dos Métodos superiores a serem dados a ele quando atingir esses graus mais altos.

Outra objeção reside na parcialidade deste Método. Isto é igualmente um defeito característico do Grau.

43. *Sobre um notável perigo de Sucesso.* Pode ocorrer que, devido ao tremendo poder do Samādhi, superando todas as outras memórias como deveria fazer e faz, que a mente do devoto possa ficar obcecada, de modo que ele declare sua Divindade particular como sendo o único Deus e Senhor. Este erro foi o fundamento de todas as religiões dogmáticas e, portanto, a causa de mais miséria do que todos os outros erros

combinados.

O Philosophus é peculiarmente suscetível a isso porque, pela natureza do Método, ele não pode permanecer cético; ele deve acreditar na sua Divindade particular. Mas que ele (1) considere que esta crença é apenas uma arma em suas mãos, (2) afirme suficientemente que a sua Divindade é apenas uma emanção ou reflexo ou eidolon de um Ser além dela, como foi dito no Parágrafo 2. Pois se ele falhar aqui, uma vez que o homem não pode permanecer permanentemente em Samādhi, a imagem memorizada em sua mente será degradada, e substituída pelo Demônio correspondente, para sua total ruína.

Portanto, após o Sucesso, que ele não se deleite muito com sua Deidade, mas sim se ocupe de seus outros trabalhos, não permitindo que aquilo que é apenas um passo se torne um objetivo. Como também está escrito em Liber CLXXXV: “lembrando que a Filosofia é o Equilíbrio daquele que está na Casa do Amor”.

44. *Sobre o segredo, e os ritos de Sangue.* Durante esta prática, é muito sábio que o Philosophus não pronuncie nenhuma palavra sobre seu trabalho, como se fosse um Amor Proibido que o consome. Mas que ele responda aos tolos de acordo com a tolice deles; pois já que ele não consegue esconder seu amor de seus companheiros, ele deve falar com eles do modo que eles possam entender.

E uma vez que muitas Deidades exigem sacrifício, uma de homens, outra do gado, uma terceira de pombas, que esses sacrifícios sejam substituídos pelos verdadeiros sacrifícios em teu próprio coração. No entanto, se tu precisas simbolizá-los externamente por causa da dureza de teu coração, que o teu próprio sangue, e não o de outro, seja derramado diante daquele altar¹.

No entanto, não te esqueças de que esta prática é perigosa e pode causar a manifestação de coisas más, hostis e maliciosas, para teu grande prejuízo.

45. *Sobre um sacrifício adicional.* Sobre isso deve-se entender que nada deve ser falado; nem precisa ser falado para aquele que tenha sabedoria para compreender o número do parágrafo. E esse sacrifício é fatal além de tudo, a menos que de fato seja um sacrifício. No entanto, há aqueles que atreveram e conseguiram.

46. *Sobre ainda outro sacrifício.* Aqui se fala de verdadeira mutilação. Tais atos são abomináveis; e, embora possam trazer sucesso neste Método, formam um obstáculo absoluto para qualquer progresso adicional.

Em todo caso, eles são mais propensos a levar à loucura do que ao Samādhi. De fato, aquele que os propõe já está louco.

¹ As exceções a esta regra não pertencem a esta prática, nem a este grau. N. Fra. A∴A∴.

47. *Sobre a afeição humana.* Durante esta prática, tu não deverás te retirar das relações humanas, apenas figurando que teu pai ou teu irmão ou tua esposa são como se fossem uma imagem da tua Deidade particular. Assim, eles ganharão, e não perderão, pelo teu trabalho. Somente no caso da tua esposa isso será difícil, já que ela é mais para ti do que todos os outros, e neste caso tu podes agir com temperança, para que a personalidade dela não vença e destrua a da tua Deidade.

48. *Sobre o Santo Anjo Guardião.* De modo algum confundas esta invocação com aquela.

49. *A Bênção.* E então que o amor que passa toda Compreensão mantenha seus corações e suas mentes através de ΙΑΩ ΑΔΩΝΑΙ ΣΑΒΑΩ e através de BABALON da Cidade das Pirâmides, e através de Astarte, a Estrelada cinturada de verde, pelo nome de ARARITA. AMN.

Notas desta Tradução

Liber Astarté vel Berylli sub figurâ CLXXV pode ser traduzido como “Livro de Astarte ou Livro do Berilo, sob o número 175”. Foi escrito por Aleister Crowley e publicado originalmente nas páginas 37 a 58 do *The Equinox* Vol. I No. 7, em março de 1912. Posteriormente, em 1929, Crowley publicou uma versão revisada deste livro nas páginas 390 a 404 de *Magick in Theory and Practice*.

Seu conteúdo é descrito em *The Equinox* Vol. I No. 10 como:

“Uma instrução sobre consecução pelo método de devoção.”

O autor também explica a catalogação do texto sob o número 175:

“CLXXV. O número de Vênus ou Astarte.”

No *The Confessions of Aleister Crowley* encontramos uma explicação adicional sobre este livro:

“Liber CLXXV. Astarte, O Livro da Pedra de Berilo, dá a formula complete do Bhakti Yoga; como alguém pode se unir a qualquer deidade particular por devoção. Tanto métodos mágicos quanto métodos místicos são descritos completamente.”

A presente tradução foi feita com base em um fac-símile do texto original de *The Equinox*, Vol. I Nos. 1-10 (originalmente publicados de 1909 a 1913), publicado em dois volumes pela Samuel Weiser em 1998.

Os termos indianos foram modernizados de acordo com o sistema de romanização da Biblioteca Nacional de Calcutá.

Textos Mencionados

777 é *Liber Prolegomena Symbolica Ad Systemam Sceptico-Mysticæ Viæ Explicandæ, Fundamentum Hieroglyphicum Sanctissimorum Scientiæ Summæ*. “Uma preliminar tabela de correspondências entre diversos símbolos religiosos”.

Liber Jugorum é *Liber III vel Jugorum*. “Uma instrução de controle da fala, ação e pensamento.”

Liber VII é *Liber Liberi vel Lapidis Lazuli. Adumbratio Kabbalæ. Ægyptiorum*. “Sendo a Emancipação Voluntária de um certo Adepto Isento do seu Adeptado. Estas são as Palavras de Nascimento de um Mestre do Templo. A natureza deste livro é suficientemente explicada pelo seu título. Seus sete capítulos se referem aos sete planetas na seguinte ordem: Marte, Saturno, Júpiter, Sol, Mercúrio, Lua, Vênus”.

Thelema se refere a uma publicação com o título “ΘΕΛΗΜΑ”, que inclui alguns dos Livros Santos de Thelema e é dividida em três volumes:

- O Primeiro Volume do Livro é entregue ao Probacionista 0°=0°. Contém *Liber Causæ* e *Liber Cordis Cincti Serpente*.
- O Segundo Volume do Livro é entregue ao Neófito 1°=10°. Contém *Liber Liberi vel Lapidis Lazuli*.
- O Terceiro Volume do Livro é entregue ao Zelator 2°=9°. Contém *Liber AL vel Legis*, *Liber Trigrammaton* e *Liber Ararita*.

Liber LXV é *Liber Cordis Cincti Serpente*. “Um relato das relações do Aspirante com seu Santo Anjo Guardião”.

Liber O é *Liber O vel Manus et Sagittae*. “As instruções dadas neste livro são superficiais demais para encontrar lugar entre as publicações de Classe D. São dadas instruções básicas para o estudo da Cabala, Assunção de formas de Deuses, vibração de Nomes Divinos, os Rituais do Pentagrama e do Hexagrama, e o seu uso para proteção e invocação, um método para obter as assim chamadas visões astrais, e uma instrução sobre a prática chamada de Ascensão nos Planos”.

Liber E é *Liber E vel Exercitiorum*. “Este livro instrui o aspirante sobre a necessidade de manter um registro. Sugere métodos para testar a clarividência física. Dá instruções sobre Āsana, Prāṇāyāma e Dhāraṇā, e aconselha a aplicação de testes ao corpo físico, de modo que o estudante possa compreender completamente suas próprias limitações.”.

Liber CLXXXV é *Liber Collegii Sancti*. “Sendo as tarefas dos Graus e seus Juramentos inerentes a Liber XIII. Este é o Documento oficial dos vários graus. Ele inclui a Tarefa e o Juramento de um Probacionista.”

Divergências

Originalmente o texto foi publicado em Classe B, no entanto, em *The Equinox* Vol. I No. 10 ele é catalogado sob a Classe D.